

KATHRYN SMITH

NA ESCURIDÃO DA NOITE



Wynthrope deu uma lambidinha no glacê que ficara em seu garfo.

Moira sentiu um arrepio.

Sem terminar o bolo, ele pôs o prato de lado.

- O fogo está muito forte para a senhora, Lady Aubourn? – perguntou ele com suavidade e polidez.

- Não, senhor Ryland, estou muito bem.

- Perguntei porque parece que a senhora está sentindo calor. Está ruborizada.

- Acho que o senhor está sendo impertinente, senhor Ryland. – E ela estava gostando disso.

- Sem dúvida está certa, mas acaba de me lembrar de uma coisa, minha cara.

- Oh! E o que é?

- A senhora ainda me deve um beijo, e se insistir em me olhar como se quisesse me envolver em cobertura de chocolate, é melhor que esteja pronta para tirá-la de mim.

Os lábios de Moira se entreabriram, mas deles não saiu nenhum som. Ela só conseguia ficar parada ali, encarando-o, ardendo da cabeça aos pés.

Um leve rubor lhe subiu ao rosto, enquanto ele fixava o olhar em sua boca.

- Por Deus, senhora! – murmurou ele. – A senhora me faz desejar que me cubram de glacê de chocolate.

Capítulo um

Londres

Dezembro de 1818

- *V*ocê não ousaria!

Então ela disse isso? O que ela estava pensando? Que ele era algum moleque incapaz de resistir a um desafio?

Provavelmente. E até certo ponto estaria certa. Suas palavras o espicaçaram, mas seria preciso mais do que uma aguilhada para impedi-lo a agir. Wynthrope voltou-se para sua acompanhante com um sorriso frio mas encantador.

- Receio não poder aceitar esse desafio.

A mulher de seios fartos agitou sedutoramente o leque na altura do colo. Sua surpresa diante da recusa estava estampada no lindo rosto.

- Céus! Por que não pode aceitá-lo?

Voltando a atenção para os pares que rodopiavam diante deles, Wynthrope sorriu de modo ainda mais frio. Era por isso que não gostava de festas no inverno – a tagarelice era inevitável.

- Porque já sei o que aconteceria se convidasse a senhora em questão para dançar.

Lady Dumont não estava satisfeita com uma resposta tão indefinida.

- E o que quer dizer isso, caro senhor?

Polidamente, ele terminou de beber seu champanhe e em seguida respondeu, gesticulando com a taça vazia:

- A irmã dela sem dúvida teria um ataque histérico.

Isso era melodramático demais para ser real, mas as palavras não conseguiam esconder a verdade. A maioria das mulheres se sentia intimidada por ele – o que ele achava ótimo. As que acabavam sendo-lhe apresentadas, como muitas dessas tolas que apareciam no Natal, geralmente estavam em dificuldades financeiras ou simplesmente circulavam em busca de relacionamento. Obviamente, bons relacionamentos estavam fora de cogitação quando se tratava da família dele. Os Rylands, mesmo os ramos mais distantes, não eram conhecidos como “boa” aristocracia.

No entanto, a parte dele que não conseguia resistir a nenhum desafio forçou-o a lançar os olhos na direção da linda e popular Minerva Banning e de Moira, viscondessa de Aubourn, sua vigilante irmã mais velha.

Pessoalmente, ele considerava a beleza uma qualidade supervalorizada. E nesse ambiente, para ser popular bastava dizer a coisa certa na hora certa. Que tédio! Apesar disso, não tirara os olhos das duas irmãs a noite toda. Devia estar sendo muito indiscreto, para que sua acompanhante o notasse. Costumava a ser mais cuidadoso.

Agora, se Lady Dumont o tivesse desafiado a roubar dela um beijo em vez de convidá-la para dançar, esse era um desafio que valeria a pena aceitar. Convidar era algo que ele nunca fazia. Já roubar era uma coisa com a qual se sentia perfeitamente à vontade.

Aparentemente, Lady Dumont não estava interessada em aumentar o desafio. Tanto pior.

- Wynthrope querido, você pretende ir ao sarau de sua cunhada amanhã?

Pondo o copo na bandeja de um criado que passava, Wynthrope voltou-se novamente para sua acompanhante. Dez anos mais velha que ele, Lady Dumont era uma mulher atraente, de cabelo louro-prateado e aparência sedutora. Chamá-lo pelo nome de batismo não era uma tentativa de forçar intimidade – isso ocorrera anos atrás. Ele dividira a cama com ela por uns bons meses, antes e depois de aliviá-la de algumas pinturas de autoria do falecido marido. Naturalmente, achava que sua atividade criminosa era exercida em nome do bem da Inglaterra. A sensualidade era o motivo da tela. Naquela época ele era jovem e estúpido.

- É claro que tenho a intenção de ir à festa de Octavia – disse ele, tirando o passado da cabeça. – Ela não me deu escolha. – De qualquer modo, ele nem sonharia desapontá-la.

Octavia conquistara sua lealdade no momento em que tinha se casado com North, também era boa para ele.

Lady Dumont esboçou um sorriso tímido enquanto continuava a se abanar vagarosamente.

- Mulheres! A única fraqueza dos homens da família Ryland.

Wynthrope pigarreou ligeiramente, zombeteiro. Antes disso do que a imprecisão em que pensara primeiro.

- Dificilmente a única, mas uma entre muitas – disse, ironicamente, dando de ombros.

Essa conversa estava começando a se tornar enfadonha. Fora esse o motivo de ele ter abandonado a antiga amante; não pela necessidade de se manter calado sobre sua família,

mesmo sendo ele o único a criticá-la. Enquanto compartilhavam a mesma cama, jamais falara de seu passado com essa mulher. Então, por que faria isso agora?

- Acho que vou aceitar seu desafio, afinal. Por favor, me desculpe, senhora. – Contrariando seus hábitos, fez uma mesura, enquanto sua atenção já se desviava. O fato de se concentrar em sua presa aliviava um pouco a inquietude que já há algum tempo o atormentava. Ele jamais admitiria, nem mesmo para os irmãos, que sentia como se faltasse algo em sua vida. Se ao menos um de seus irmãos estivesse por perto, poderia recorrer a ele para livrar-se daquela sensação. Até Brahm acalmava seu espírito. Maldito!

Mas nenhum deles estava por perto. North estava em casa com Octavia. Devlin, o mais novo, viria de Denver com a mulher para o Natal, e Brahm não era aceito pela sociedade, embora a opinião geral sobre ele tivesse melhorado um pouco ultimamente.

Talvez tivesse cismado com essa mulher pelo fato de ela estar sempre junto com a irmã. Realista, sabia que ela o aborreceria depois de algum tempo, mas naquele momento a desejava.

Abrindo caminho entre a multidão, Wynthrope tomou a direção das duas irmãs. Além da cor do cabelo e do contorno do queixo, havia muita pouca semelhança entre ambas. Minerva era mais baixa e roliça, o cabelo enrolado em cachos; a pele tinha um sombreado escuro, a linha entre os seios era mais profunda. Estava encantadora em seu vestido amarelo-pálido. A viscondessa era alta e reservada; tinha a pele pálida, e sua expressão era circunspecta, enquanto a da irmã era aberta. Era estranho que, das duas, ela usasse a cor mais forte. O traje verde-escuro, realçava o dourado de seu cabelo.

Parecia desprovida de humor, mas ele sabia que isso não era verdade. Todos os que a conheciam louvavam sua natureza afável, sua presença de espírito. Talvez a perda do marido dois anos antes lhe tivesse roubado a alegria. Ou quem sabe fosse o estresse de tentar casar a irmã mais jovem fora da temporada londrina. Não havia na cidade muitos jovens disponíveis nessa época do ano, embora ninguém se desse conta disso, pelo número de admiradores que rodeavam a senhorita Banning.

Não era segredo que a viscondessa era terrivelmente protetora em relação à irmã menor, e extremamente exigente na escolha de suas companhias. Comentava-se que, desde sua chegada a Londres, a senhorita Banning reclamara mais de uma vez do controle exercido pela irmã. Minnie, como era chamada em sociedade, gostava de atenção, e não queria que a irmã lhe tirasse a oportunidade de ser notada.

Por isso mesmo, Wynthrope devia parar ali, dar meia-volta e ir pegar outra bebida, em vez de se envolver com duas mulheres tão complicadas. Grande idéia!

Girou nos calcanhares, o que bastou para ver que Lady Dumont o observava do outro lado do salão. Maldita sociedade londrina, tão escassa que uma pessoa conseguia enxergar todo o salão de baile de um extremo ao outro. A ex-amante exibia um ar indagador. Ele quase podia ouvir a pergunta contida em sua expressão: será que ele perdera a coragem? Não – não era essa a questão. Ele estava cheio de coragem – Lady Dumont não tinha idéia da extensão de

sua coragem. Se ao menos imaginasse quem roubara aquelas pinturas bem debaixo de seu nariz, pensou com cáustico deleite.

Não que lhe importasse o que Lady Dumont pensava. Que pensasse que ele era um covarde. Não havia nada de errado em querer evitar ser o motivo de um conflito entre irmãs.

E mesmo assim, apesar do risco, ele foi ao encontro das duas mulheres. Estava fazendo aquilo porque queria, e não por algo que Lady Dumont pudesse dizer. Não obstante o risco potencial de irritar a irmã, ele queria convidá-la para dançar, queria ouvi-la dizer sim.

E também queria tomá-la nos braços, descobrir se sua pele era realmente tão pálida quanto parecia a distância. Por quê? Porque apenas poucos dias antes a havia visto diante de uma loja em Bond Street – com a irmã, é claro. Seu rosto estava rosado por causa do frio e, ao sorrir, os olhos brilhavam. Não fora o único homem a notá-la – mas apenas ele ganhara sua atenção.

Por um segundo ela olhou para ele como se pudesse ver o que se passava em seu coração – e como se pudesse entender o que vira ali. Isso o atingiu profundamente, deixando-o sem ação, vulnerável. E mesmo agora, só de pensar em fitar de novo aquele olhar, seu coração disparava.

Ninguém o deixara tão vulnerável antes, nem mesmo um canalha que o fizera de bobo, o enganara. Nem mesmo Brahm ou seu pai o haviam deixado tão exposto, tão nu, como fizera aquela mulher. Que pessoa estranha devia ser, para provocar nele tal reação. Seu instinto de sobrevivência lhe dizia que desse meia-volta enquanto ainda podia. Sabia que não sairia incólume desse encontro. Se o recusasse, seu orgulho sofreria, mas se o aceitasse poderia estar arriscando mais do que seu orgulho.

Em que raios estava pensando? O que mais, além de seu orgulho, poderia estar em risco? O que mais ele tinha? Por certo, não seria seu coração. Aquele pedaço de carne trêmula não conhecia o significado de um vínculo verdadeiro. A única coisa que ainda o afetava eram os laços de sangue. Nenhum outro vínculo restara. Nada mais havia sido real.

Essa atração que experimentava não era real. Os poucos minutos que se seguiram provariam isso. Ela olharia para ele, e seu olhar seria igual ao de qualquer mulher. Ele descobriria afinal que não havia nada de especial nela, e perderia o interesse. E então acabaria bebendo além da conta e iria para a cama com Lady Dumont.

Um bom porre iria clarear-lhe as idéias e o livraria de toda essa bobagem. No futuro, estaria preparado para não dar crédito a essas coisas.

Ao aproximar-se das mulheres, elas o olharam. Ambas tinham no rosto uma expressão de surpresa, embora a mais nova parecesse ligeiramente mais alegre.

Por sorte, era preciso mais do que um ar desapontado para fazê-lo desistir de algo que já tinha em mente.

Fez uma mesura diante delas, exibindo o mais charmoso sorriso.

- Lady Aubourn, senhorita Banning, que prazer vê-las novamente!

A mais jovem, mostrando as covinhas ao sorrir, disse:

- Boa noite, senhor Ryland.

A outra franziu o cenho. Era desapontamento o que via no fundo de seus olhos cor de âmbar?

- Senhor Ryland – cumprimentou-o.

Impassível, Wynthrope seguiu em frente.

- Estava me perguntando se poderia ter o prazer...

A viscondessa não permitiu que ele continuasse.

- Sinto muito, senhor Ryland, mas o carnê* de minha irmã está completo.

Wynthrope deliberadamente levantou as sobrancelhas diante desse tom brusco, mas antes que ele abrisse a boca para falar, a jovem se adiantou e disse, com um olhar irritado:

- Meu carnê não está cheio!

Lady Aubourn corou. Na verdade, ficava bem atraente com alguma cor no rosto.

- Minnie, cale-se!

A jovem também ficou ruborizada, e seus olhos faiscavam de indignação ao dizer:

- Não me calarei! Não preciso que você fale por mim.

- Tem razão, senhorita Banning – acrescentou Wynthrope, pondo mais lenha na fogueira. –

Nunca deixe ninguém falar pela senhorita, seja sua irmã ou não.

Deus sabia que ele não ia querer que nenhum de seus irmãos falasse por ele. Nem conseguia imaginar o problema que isso causaria.

A viscondessa o fuzilou com um olhar entre chocado e furioso. Foi a fúria que chamou sua atenção. Nunca teria imaginado que ela fosse

*Nos bailes europeus dessa época, as mulheres tinham um carnê com todas as músicas que a orquestra tocaria. No começo da festa, os pretendentes se candidatavam a dançar com as damas de seu interesse, que marcavam o nome deles ao lado da música, e iam preenchendo o carnê. Quando não queriam dançar com algum cavalheiro, diziam que o carnê estava cheio. (N. E.)

uma mulher dada a emoções fortes. Ela sempre parecera tão calma, tão equilibrada...

- Senhor Ryland, embora aprecie seu convite e a atenção para com minha irmã, o senhor há de concordar comigo que os dois não fariam um bom par.

Uma gargalhada ficou presa na garganta de Wynthrope, quase asfixiando-o. ele não sabia se a soltava ou se dizia ela exatamente o que pensava de sua arrogância.

- É assim? – perguntou ele, rindo.

Por um instante, Lady Aubourn pareceu confusa, enquanto o tom de mofa da voz dele ecoava em seus ouvidos. Dessa vez, quando o fitou diretamente nos olhos, Wynthrope pôde sentir como ela tentava buscar neles a resposta.

- Sim, senhor Ryland, é assim. – Seu tom soava divertido mas firme.

Minerva bateu o pé no chão com tanta força que se assustou. Wynthrope não se surpreendeu.

Aqueles sapatos finos não opunham resistência ao duro chão de mármore.

- Mas, Moira, eu quero dançar com ele! – insistiu Minerva.

- Fico muito agradecido por isso, senhorita Banning – disse Wynthrope com um sorriso, desviando os olhos da irmã repressora -, mas não é a senhorita que estou convidando.

Só para ver a reação das duas já teria valido a pena. A semelhança entre as duas de repente se fez notar. Era impressionante como se pareciam ao exibir uma expressão de susto.

- Mas talvez seu carnê também esteja completo, não é, Lady Aubourn?

Era magnífica quando parecia embaraçada. O rubor tomava suas faces e o pescoço, e havia um brilho em seus olhos verde-dourados que ele ainda não tinha visto. Subitamente, Moira Tyndale já não parecia calma e distante. E de repente, já não importava que nesse momento ela não tivesse sido capaz de vê-lo por dentro. Não lhe ocorrera que ele pudesse preferi-la a sua popular irmãzinha.

- Eu... – As palavras não saiam, embora ela mantivesse a boca aberta. Ela o fitou, desamparada. Era evidente que não sabia o que dizer. Ele queria que ela dissesse sim, queria descobrir se ela cheirava tão bem como imaginava. Devia ter o odor do inverno – frio e duro por fora, com uma nota mais cálida à espreita uma camada abaixo. Cacau e canela mesclados pelo vento amargo.

- Muito gentil de sua parte, senhor Ryland – começou Minerva, com uma expressão séria. – Mas receio que minha irmã ainda esteja guardando luto pela morte do marido e não queira dançar.

Mentira deslavada assim ele nunca ouvira – e ela também sabia disso, o que não a impediu de encará-lo diretamente enquanto falava. Mimada ou não, ele tinha de admirar a garota por ser tão atrevida.

Ele assentiu com a cabeça, o olhar fixo no de Moira.

- Minhas desculpas, senhora. Desejo-lhes boa noite.

Antes de sair, juntou os calcanhares e dirigiu à mulher mais jovem um leve sorriso.

- Desfrute o resto do baile, senhorita Banning.

Deu dois passos, mas não pôde conter o desejo de virar-se.

- Oh, Lady Aubourn!

Ambas o olharam.

Wyndrope sorriu, dessa vez de verdade, e disse:

- Se decidir voltar a dançar, por favor, avise-me.

O olhar da viscondessa se intensificou, e Wyndrope se foi, rindo, com a imagem dela maravilhosamente congelada em sua mente.

Seus olhos eram de um azul tão profundo que ela não conseguia pensar em nada que se comparasse a eles. A safira, muito comum. A turquesa, natural demais. O índigo, impróprio. Seus olhos eram...

- Caramba! – exclamou.

- Você está bem, Moira? – perguntou-lhe a irmã.

Assustada, Moira Tyndale enfiou o polegar na boca, lambendo uma gota de sangue. Afastou-se da janela com um suspiro.

- Nada que uma mente que funcione bem não possa resolver, Octavia. Outra vez machuquei o dedo numa tachinha.

Octavia Sheffield-Ryland sorriu de modo zombeteiro enquanto decorava a lareira com ramos de azevinho. Ela era alta e ruiva, com brilhantes olhos azuis e o resplendor de uma mulher recém-casada, algo que Moira invejava.

- Você está estranhamente distraída hoje. Aconteceu algo ontem no baile?

Para que a amiga não notasse o rubor em seu rosto. Moira tratou de se ocupar da decoração ao redor da janela.

- Claro que não – respondeu.

- Ninguém a convidou para dançar? – perguntou a amiga com uma ponta de interesse.

Moira cerrou os olhos, sentindo inundá-la uma onda de embaraço. Octavia sabia. Claro que sabia. Havia muita tagarelice nessa época do ano, mas poucas novidades; assim, qualquer coisa que acontecesse num baile ou local público virava notícia.

- Claro que não – respondeu Moira, e isso não era inteiramente mentira. Wynthrope Ryland, aquele dos olhos de um azul indefinível, não tinha na verdade tido a chance de convidá-la, não propriamente.

- Hum... Devo ter ouvido mal.

Teria sido melhor ignorar o assunto. O mais indicado agora era continuar com a decoração e fingir que não sabia do que se tratava. No entanto, pensando nisso, encolheu os ombros, resignada, e perguntou:

- O que você ouviu?

Deixando de lado os ramos de azevinho, Octavia aproximou-se dela. Felizmente os empregados iam ajudar na decoração, porque nesse passo não terminariam o trabalho antes da chegada dos convidados.

A expressão de Octavia era de satisfação, como se a humilhação de Moira na noite anterior fosse algo bom. Obviamente, qualquer coisa que a amiga tivesse ouvido, ela ouvira errado.

- Ouvi dizer – murmurou ela, como se alguém pudesse ouvi-las – que um certo cavalheiro se interessou muito por você.

Bem, essa era uma maneira de dizer. Moira abriu a boca, mas permaneceu calada. Qual seria a melhor resposta?

- Fiz papel de tola, Octavia. Foi isso que aconteceu.

A expressão alegre se foi, substituída por outra, de preocupação e confusão.

- Com certeza não fez.

Moira se afastou, preferindo brincar com os enfeites postos em uma mesa próxima a se defrontar com a solidariedade da amiga. Pegou entre o polegar e o indicador uma faixa vermelha e sentiu o toque macio do veludo.

- Acho que ele queria dançar com Minnie – disse Moira.

- Em vez de dançar com você?

Por que aquele tom de surpresa? De cenho franzido, encarou a amiga.

- Naturalmente.

Reproduzindo sua expressão, com a testa pálida meio franzida, Octavia disse:

- Por que você achou isso?

Moira riu, sem acreditar. Aquilo não era óbvio? Então respondeu:

- Porque todos cavalheiros que se aproximaram de nós num baile querem dançar com Minerva.

Octavia fez um gesto com a mão indicando sabedoria, dizendo:

- Meu cunhado não é “todos os cavalheiros”. Na verdade, nem sei se o termo “cavalheiro” se aplica a Wynthrope.

A simples menção de seu nome fez Moira corar novamente. Desde que pusera os olhos em Wynthrope Ryland, anos atrás, ela sempre o achara o homem mais atraente da Inglaterra. Na ocasião ele não lhe dispensara um segundo olhar. Por que o faria agora? Naquela época ela estava meio rechonchuda, era uma típica camponesa. O único homem que prestara atenção nela fora Anthony, seu melhor amigo – seu marido.

Falecido marido. Querido Tony. Ainda sentia falta dele. Ele havia reparado na boa aparência de Wynthrope.

Mas Octavia não sabia que Moira admirava a figura do cunhado. Era muito humilhante para ela admitir isso. Como uma colegial tola, ela sempre o procurava em reuniões sociais. Era estranho, mas durante o período de luto não se lembrava dele. Não pensava em outra coisa que não fosse o fato de que seu melhor amigo estava morto e que o mundo ficara mais sombrio sem ele.

Mas o período de luto terminara, tanto em seu interior quanto na vida social. Pena Minnie ter feito o senhor Ryland pensar o contrário. No entanto, graças à intervenção da irmã, ela fora poupada de um vexame maior.

- Queria que você tivesse noção de seu próprio valor, Moira. – Desviada de seus pensamentos pela voz da amiga, Moira levantou os olhos e disse:

- Conheço o valor que tenho. Você o está subestimando sem razão.

- Não, apenas para que você perceba que é tão atraente quanto sua irmã.

Teria sido o tom grave ou suas próprias palavras que fizeram Octavia rir tanto?

- Você é uma boa amiga, mas não sou tão frágil que você precise mentir para mim por bondade

– Ficou sem saber se Octavia estava rindo pelo que dissera ou pelo tom grave que empregava.

– Minnie é dez vezes mais bonita do que eu.

A expressão de Octavia voltou a ficar séria.

- Beleza não é a única virtude a que uma mulher deveria aspirar.

Que bela maneira de dizer que Moira era uma pessoa melhor do que sua irmã mais nova.

Octavia não precisava ser tão cuidadosa com as palavras. A verdade é que Moira não fora insultada pela irmã. Ela era melhor do que Minnie apenas porque não fora mimada pelos pais.

E Tony lhe dera tanto, lhe ensinara tantas coisas! O fato é que a vida ainda não havia dado uma chance a Minerva. Algum dia, Moira estava certa disso, sua irmã mais nova iria se transformar numa mulher que valeria a pena.

E mesmo que não fosse assim, Moira continuaria a amá-la. Por ser filha única, Octavia não conseguia entender isso. Mas ela apostaria dez libras que Wynthrope Ryland o entenderia perfeitamente.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

